



## PROVIDÊNCIAS NA EDUCAÇÃO

\*Eloísa de Oliveira Lima

No Brasil, nós não temos uma tradição de educação. Na verdade, nós temos vítimas. Quando pensamos em educação de modo longitudinal constatamos que as civilizações dão sinais claros de raciocínio, desenvolvimento ou, estagnação, atraso no desenvolvimento, segundo seus graus de organização para a produtividade. Quanto mais coeso for o povo, maior será a sua tradição e serão seus feitos. Educar é isso. Os mais velhos tidos como sábios, passam aos mais novos seus conhecimentos continuamente. Numa seqüência de possibilidades, sob métodos e conteúdo apropriado, possibilita-se combinar ações inteligentes de modo a criar e produzir conforme as necessidades. Embora tenhamos escrito em nossa bandeira ordem e progresso, no Brasil, a educação é completamente negligenciada.

É fundamental lembrar que a produtividade só é gerada se, já na educação de base, propusermos educação ordenada e organizada ao alcance de todos. Com uma proposta educacional como a brasileira, focada no ensino superior e sem investimentos na base, que corresponde à educação de base, tende a ruir a edificação. Fazendo um paralelo com a engenharia, não é possível subir um prédio começando as obras pelo terceiro andar. E isso fica mais claro quando ficamos sabendo que o Governo brasileiro acaba de assinar um acordo de cooperação com a Universidade de Harvard, envolvendo outras cinco instituições de ensino norte-americanas. Que ótima notícia! Mas, precisamos ter alunos com condições de ir até lá. Afinal, do que adiantam as assinaturas de convênios e de parcerias com instituições estrangeiras, se poucos brasileiros falam o inglês?

Hoje, 2012, já poderíamos estar com uma geração de jovens bilíngües, caso tivéssemos planejado uma educação que prevesse a inclusão no currículo das escolas o ensino de idioma estrangeiro desde a mais tenra idade. Peculiaridades lingüísticas aqui importantes a considerar, mas na ordem dos fatores não é ainda a discussão fundamental. Fatores primordiais, além da instrução bilíngüe, são os de cuidar de estruturar o raciocínio e escolarizar o povo. É preciso encarar o óbvio, buscar formas de educar as crianças sem que debandem da escola, tornar útil o que aprendem nas salas de aula, organizar um planejamento pedagógico sem

desorganizar a construção do conhecimento e utilizar a tecnologia na dosagem certa. E fica a pergunta: em quanto tempo teríamos candidatos competindo a bolsas de estudo no exterior com proficiência no inglês, idioma internacional determinante e pré requisito para se poder aplicar para universidade?

Tivemos recentemente conhecimento de que o Brasil desperdiça dezenas de bolsas de estudo oferecidas por instituições no exterior porque não temos alunos que falem bem o inglês. Na verdade, apenas os candidatos a cursos de Mestrado e Doutorado, uma parcela ínfima da nossa sociedade, preenchem esse pré-requisito. A verdade é que há pouquíssimos brasileiros cujas famílias podem investir fortemente na educação de base de seus filhos. Não é por falta de oportunidades ofertadas pelas universidades via CAPES entre outras instituições brasileiras de fomento, o que existe, pasmem, é falta de alunos preparados mesmo.

Não há ponta de *iceberg* que seja ponta se o bloco de gelo que a gera não tem sustentação. Admitir uma educação infantil forte, estruturada e responsável é a única saída para obtermos não apenas civis geradores de progresso interno, mas também podermos competir sem passar por vexames que vimos passando ultimamente.

Já perdemos o momento ideal de preparação para a Copa do Mundo e estamos atrasados para as Olimpíadas em termos da formação de falantes úteis de inglês. É por isso que é urgente a inclusão, de fato, do ensino do inglês nas escolas e para isso precisamos de professores bem equipados, treinados, fluentes no idioma e, claro, bem orientados por uma metodologia eficiente desde a educação de base. O interesse governamental é determinante. Ressalto e lembro que o fato da maioria dos brasileiros não falar uma segunda língua representa uma perda incalculável para os jovens num fértil mercado de trabalho que se vislumbra oportunamente.

Diz o ditado popular que quem tudo quer tudo perde! E é isso que estamos assistindo, atualmente, no Brasil. Queremos tudo, conseguimos muito, mas, a verdade é que estamos perdendo importantes oportunidades. É uma pena que tenhamos uma educação sem governo.

\*Eloísa de Oliveira Lima é Mestre em Neurolinguística pela UFRJ